

# VOZES BAKHTINIANAS: LINGUAGEM E INTERAÇÃO

Bakhtinian Voices: Language and Interaction

Maria Anunciada Nery Rodrigues\*

**Resumo:** Atualmente vários estudos têm revelado que o ensino de língua realizado de forma interativa é fundamental para que o aluno desenvolva sua competência comunicativa, interagindo com o contexto social e histórico. Neste artigo apresentamos uma breve reflexão a respeito de concepções relacionadas à linguagem, à interação verbal, ao dialogismo e seus reflexos para o ensino de língua materna, tendo como pressuposto teórico o pensamento de Bakhtin. Constatamos que depois das concepções de Bakhtin sobre interação e dialogismo, o ensino de língua materna precisa ser pensado como prática social de interlocução, de troca, de construção, na qual a relação professor e alunos tornam-se mútua.

**Palavras-chave:** linguagem, interação verbal, dialogismo.

**Abstract:** Currently some studies have disclosed that the teaching of language in an interactive way is fundamental for the student to develop your communicative competence, interacting with the social and historical context. In this article we present one brief reflection about conceptions related to the language, to the verbal interaction, the dialogism and its consequences for the language teaching maternal considering the theoretical presuppositions of Bakhtin. We evidence that after the conceptions of Bakhtin about interaction and dialogism, the teaching of maternal language needs to be thought as practical social of interlocution, exchange, of construction, in which the relation professor and students become mutual.

**Key-words:** language, verbal interaction, dialogism.

## 1. Introdução

Os seres humanos possuem suas organizações, seus costumes e sua língua, sendo por meio da linguagem que cada indivíduo estabelece relações no contexto social ao qual está integrado. Portanto,

---

\* Aluna do Doutorado em Lingüística da Universidade Federal da Paraíba –UFPB

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	-------------	------	------	---------------	---------

a língua é, simultaneamente, produto e condição de vida social.

Atualmente pesquisas na área da Lingüística e da Lingüística Aplicada têm revelado que o ensino de língua realizado de forma interativa é fundamental para que o aluno desenvolva sua competência comunicativa, interagindo com o contexto social e histórico. Dentre os estudos realizados, poderíamos citar o de Lemos (1977), Pécora (1981), Marcuschi (1983), Geraldi (1984), Costa Val (1991), Coll e Solé (1996), Matêncio (2002), Antunes (2003), e diversos outros trabalhos de extrema importância. Todas essas pesquisas estão relacionadas com a concepção dialógica da linguagem, principalmente nos termos definidos por Bakhtin.

Pensando nisso, pretendemos, neste artigo, fazer uma breve reflexão sobre o pensamento de Mikhail Bakhtin. Não há neste texto, a pretensão de fazermos uma ampla revisão teórica, mas discutiremos alguns conceitos. Interessam-nos suas concepções relacionadas à linguagem, principalmente à interação verbal, ao dialogismo e seus reflexos para o ensino de língua materna.

## 2. Interação verbal

A linguagem constitui a centralidade da obra de Bakhtin. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2004 [1929]) está sua teoria da linguagem e do dialogismo. Nessa obra, ele faz uma crítica a duas linhas teóricas do pensamento filosófico e lingüístico – o objetivismo abstrato, representado principalmente pelo pensamento saussuriano e o subjetivismo idealista em que a enunciação apresenta-se como um ato puramente individual, como uma consciência individual.

Nesses dois modelos, a língua é tratada como sistema abstrato, ideal e fechado em si mesmo, sem manter qualquer relação com os aspectos sociais e culturais.

Bakhtin, defensor da natureza social e evolutiva da língua, sustenta que a realidade dinâmica e concreta da língua não permite que os falantes interajam por meio dela como se fosse um sistema abstrato de normas. Ao contrário, a língua está em constante evolução em decorrência das interações verbais dos interlocutores. Se considerada como um sistema de normas, ela nos distancia de sua realidade evolutiva e viva e de suas funções sociais (BAKHTIN, 2004, p. 108). Sua preocupação é com a língua enquanto elemento de comunicação e de interação e não como sistema.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	----------------	------	------	------------------	---------

Outra discordância de Bakhtin em relação às duas abordagens diz respeito à natureza da enunciação. Para Bakhtin, tanto o objetivismo abstrato quanto o subjetivismo idealista apóiam-se “sobre a enunciação monológica como ponto de partida de sua reflexão sobre a língua” (ibid, p. 110). A diferença entre as duas correntes está numa abordagem de “compreensão passiva”, realizada pelo objetivismo abstrato; e numa abordagem de enunciação somente do ponto de vista de quem fala, realizada pela segunda corrente.

Contrário a essas duas concepções, Bakhtin apresenta o modelo enunciativo-discursivo de linguagem baseado na interação verbal e no enunciado. Ele propõe, então, que se pense a interação verbal como a realidade da linguagem. Segundo ele, a linguagem deve ser estudada como o lugar da interação humana, em que os sujeitos situados historicamente efetuam todo tipo de discurso. Pois,

A verdadeira substância da língua não é constituída pelo sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004, p. 123).

Em toda obra de Bakhtin, o caráter interativo da linguagem é enfatizado e, atualmente, tem sido incorporado às reflexões sobre a linguagem e sua aprendizagem. O caráter interativo da linguagem é a base de todas as suas formulações, e não há possibilidade de compreender a linguagem senão a partir de sua natureza sócio-histórica porque todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem.

De acordo com Bakhtin, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, pois a palavra dirige-se sempre a um interlocutor. Segundo ele,

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	----------------	------	------	------------------	---------

alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto de interação do locutor e do ouvinte. (BAKHTIN, 2004, p. 113).

Para o autor, o indivíduo está envolvido pelo meio social, no interior do qual se encontra em constante interação. É o meio social o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão. Assim, de maneira bastante concisa, Bakhtin assevera que a interação é o meio de constituição do indivíduo como um sujeito social pleno, o que inclui o “sujeito discursivo”. O processo interacional se dá em uma relação dialógica, por meio da qual os sujeitos envolvidos se constituem como tal, para si e para o outro, diante de si e diante do outro.

Nesse enfoque, apenas a enunciação, como produto das interações sociais, constitui a unidade de estudo da língua, tanto nas interações face a face como naquelas que ocorrem em contextos sociais mais amplos.

Então, ver a linguagem como processo de interação significa entender que é pelo contato interpessoal que as pessoas se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura.

Conceber a linguagem como uma atividade constitutiva significa concebê-la sempre em constituição, em modificação, pela ação que sujeitos historicamente situados exercem sobre ela. É na interlocução que se amplia a aquisição de novos recursos expressivos e a compreensão do mundo. Deve ser considerada, portanto, como algo dinâmico, em processo de construção, por um sujeito que, por meio das interações realizadas no ambiente em que vive, constrói sua linguagem e é, ao mesmo tempo, construído por ela.

Bakhtin destaca que a interação verbal realiza-se por intermédio de enunciados que são tão variados, heterogêneos e complexos quanto as próprias atividades do homem. Em cada esfera de atividades, o homem elabora tipos relativamente estáveis de enunciados que são chamados de gêneros. Em sua concepção, a linguagem é adquirida por meio de enunciados, ou seja, do discurso organizado em gêneros específicos, que se adaptam às mais diversas situações de comunicação.

Em resumo, para falar e escrever, utilizamos formas estáveis de

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	----------------	------	------	------------------	---------

enunciados, isto é, gêneros do discurso, os quais estão presentes na vida cotidiana, nas experiências e na consciência dos falantes. Se não existissem os gêneros, a comunicação seria impossível, porque não haveria entendimento recíproco entre os interlocutores (BAKHTIN, 2000).

É importante, ainda, salientar uma outra contribuição de Bakhtin, a de que a linguagem é essencialmente dialógica e polifônica. Esse caráter da linguagem revela-se quando ele afirma que toda palavra sempre é necessariamente ideológica por ser social, é habitada por outras vozes; toda palavra se dirige a um outro com quem dialoga. Assim, os discursos estão em permanente diálogo com outros discursos e vozes. Para Bakhtin, ignorar a natureza dialógica da linguagem é o mesmo que apagar a relação que existe entre a linguagem e a vida. Ele considera o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso.

### 3. Dialogismo

Bakhtin opõe-se ao caráter monológico e neutro da língua por acreditar que esta reflete as relações dialógicas dos enunciados. Toda enunciação é dialógica e faz parte do processo de comunicação contínua, e a dialogia não se restringe apenas às réplicas de um diálogo real; é mais ampla, heterogênea e complexa, porque são relações de sentido.

Bakhtin (2004, p. 123), ao tratar desse tema, declara:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra diálogo num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja.

Conseqüentemente, o diálogo é visto não só entre os interlocutores, mas também entre os enunciados, os quais são plenos de vozes que se cruzam, se contrapõem, concordam e discordam entre si, em processo contínuo de comunicação.

O enunciado é um elo da corrente da comunicação verbal, de

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	----------------	------	------	------------------	---------

cunho social e, portanto, de conteúdo ideológico. Sua estrutura é determinada pelo contexto social, “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN, 2004, p.121).

Do ponto de vista discursivo, não há enunciado desprovido da dimensão dialógica: todo enunciado se relaciona com enunciados anteriormente produzidos. Todo discurso é fundamentalmente dialógico. Por isso, os sentidos são produzidos nas relações dialógicas, na mesma medida em que sujeitos se constituem como sujeitos do e no mesmo discurso.

O enunciado é sempre uma resposta a um enunciado anterior. O locutor mantém relação não só com o objeto da enunciação, como também com os enunciados dos outros. Qualquer enunciado está sempre em busca de uma resposta, de uma atitude responsiva do outro. “Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 325). A pessoa de quem o locutor espera uma resposta – o destinatário – é um participante ativo na cadeia discursiva; o enunciado é construído em função da sua resposta. O locutor dá forma ao seu enunciado a partir do ponto de vista do outro, isto é, a palavra é um território compartilhado, quer pelo expedidor, quer pelo destinatário. Sendo assim, toda enunciação só pode ser compreendida nas relações com outras enunciações.

Desse modo, diz BAKHTIN (2000, p. 290),

[...] a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude **responsiva ativa** (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: [...] o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude **responsiva ativa**: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar. (grifos nossos).

A noção de recepção/compreensão ativa proposta por Bakhtin ilustra o movimento dialógico da enunciação, a qual constitui o

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	----------------	------	------	------------------	---------

território comum do locutor e do interlocutor. Nesta noção podemos resumir o esforço dos interlocutores em colocar a linguagem em relação frente a um e a outro. O locutor enuncia em função da existência (real ou virtual) de um interlocutor, requerendo deste último uma atitude responsiva, com antecipação do que o outro vai dizer, isto é, experimentando ou projetando o lugar de seu ouvinte. De outro lado, quando recebemos uma enunciação significativa, esta nos propõe uma réplica: concordância, apreciação, ação, etc. E, mais precisamente, compreendemos a enunciação somente porque a colocamos no movimento dialógico dos enunciados, em confronto tanto com os nossos próprios dizeres quanto com os dizeres alheios.

De acordo com a teoria bakhtiniana, o dialogismo reafirma a natureza sociocultural do enunciado. O indivíduo, ao mesmo tempo que negocia com seu interlocutor, recebe influências deste, as quais interferirão na estrutura e na organização do enunciado.

O dialogismo destaca a natureza contextual da interação e o aspecto sociocultural dos contextos, nos quais as interações se realizam. Considera toda enunciação como sendo um ato responsivo, uma resposta suscitada pelo contexto, ao contrário do monologismo, que enfatiza as iniciativas discursivas individuais do falante desvinculadas do seu interlocutor.

O dialogismo defendido por Bakhtin tem como alicerce a concepção sociointeracional da linguagem. Assim, as práticas discursivas e não as estruturas lingüísticas constituem o cerne do princípio dialógico. Nele, práticas discursivas e estruturas lingüísticas se determinam e se influenciam mutuamente.

Pode-se observar duas questões básicas que perpassam o dialogismo: a existência de uma interação permanente entre os participantes do diálogo, e a interdependência entre discurso e contexto de forma que um determina e seleciona o outro e vice-versa.

Brait (1996) sintetiza de maneira bem clara e elucidativa a dupla função do dialogismo bakhtiniano:

[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	----------------	------	------	------------------	---------

instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que por sua vez instauram-se e são instaurados por esses discursos (BRAIT, 1996, p. 78).

Uma das maiores contribuições de Bakhtin para os estudos da comunicação diz respeito à reversibilidade e à constituição dos sujeitos no diálogo. A comunicação deixa de ser um processo unilateral (de emissor para receptor). Para Bakhtin, “não importam apenas os efeitos da comunicação sobre o destinatário, mas também os efeitos que a reação do destinatário produz sobre o destinador” (BARROS, 1996, p. 31).

Nessa perspectiva, as noções de emissor e receptor ganham uma nova roupagem. Ao invés de se constituírem apenas como agentes de emissão e recepção de mensagens, os interlocutores passam a ser vistos como seres sociais constituídos pelas interações sociais das quais participam.

O dialogismo bakhtiniano reconhece “a necessidade de dar conta da presença do outro a quem uma pessoa está falando” (CLARK & HOLQUIST, 1998, p. 235). A compreensão do sentido e da significação do enunciado perpassa pela questão do dialogismo.

Bakhtin contribuiu extraordinariamente para os estudos sobre o texto e o discurso. Para ele, qualquer texto é duplamente dialógico: apresenta uma relação dialógica entre os interlocutores e uma outra relação dialógica com outros textos. O discurso também é fruto de uma relação dialógica, visto que ele se constrói por meio do diálogo entre sujeitos falantes (dialogismo) e através do diálogo com outros discursos (intertextualidade).

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face. Ao contrário, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	----------------	------	------	------------------	---------

Nesse sentido, Fiorin acrescenta: “o caráter fundamentalmente dialógico de todo enunciado do discurso impossibilita dissociar do funcionamento discursivo a relação do discurso com seu outro” (FIORIN, 1996, p. 132).

#### **4. As contribuições da vertente bakhtiniana para o ensino de língua materna**

Os estudos de Bakhtin relacionados à natureza dialógica, polifônica e sociointeracional da linguagem trazem implicações para a educação e favorecem reflexões acerca do aprendizado de língua materna, construção do conhecimento, papel do professor e do aluno.

Na concepção bakhtiniana, o que importa não é a relação do signo com outros signos dentro do sistema da língua, e sim a relação do signo com o sujeito falante, com o contexto e com os outros enunciados. Para Bakhtin a palavra assume uma significação fixa apenas dentro do sistema lingüístico, distante do outro e do contexto em que se realiza a interação. Destaca o aspecto não arbitrário, assistemático da linguagem, visto que a significação é social.

O pensamento bakhtiniano decorre do pressuposto de que nos constituímos à medida que nos relacionamos com o outro. A questão central de todo o seu trabalho reside no fato de que a linguagem é fruto da interação entre sujeitos falantes. O próprio aprendizado da língua materna é dependente do outro. Aprendemos a falar pela boca do outro e é em decorrência da minha interação com o outro que o meu mundo simbólico vai sendo construído (CASTRO, 1996, p. 104).

Considerar essa forma de compreender o ensinar e o aprender a língua na escola é fundamental para pensar sobre a concepção que considera a linguagem como forma de interação. Essas considerações interferem no ensino da língua, tendo em vista que a prática pedagógica, nessa perspectiva, volta-se para o ensino produtivo de língua, tendo como objetivo o desenvolvimento de novas habilidades lingüísticas para que o aluno possa fazer uso da língua de maneira mais concreta.

É nesse sentido que a adoção do princípio interacional projeta uma série de atitudes congruentes, tais como: escutar o aluno; permitir que ele apresente seu ponto de vista e o defenda; ouvir a história de sua vida; não obrigá-lo a falar ou escrever a respeito de um tema que ele não domina; não impor modelos rígidos para realização de tarefas;

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	-------------	------	------	---------------	---------

aceitar interpretações ou leituras adequadas, mesmo que não previstas nos manuais; permitir que ele se leia e se corrija quando necessário, e quantas vezes necessário; realizar tarefas coletivas; equilibrar as tarefas escritas com outras tantas de caráter oral; apresentar problemas para que a resposta seja buscada como desafio; permitir que o aluno compare, contraste, generalize, particularize, descubra semelhanças e diferenças através de sua própria atividade mental; permitir que ele crie, enfim – e criar é ser também um pouco professor. O professor que só **ensina** em breve se sentirá tão estacionado como alguém que simplesmente deu férias ao pensamento.

A interação, então, torna-se fundamental para a transmissão de informações, visto que o interlocutor (o professor ou o aluno), no momento que tem sua participação ativa em sala consegue articular suas idéias numa constante troca de papéis no processo de comunicação. Assim, o compromisso com as palavras torna-se mais evidente através da formação de um ponto de vista revelado pelo posicionamento crítico assumido em situações dialógicas. É muito importante ouvir o “outro”, para que se possa definir sua imagem frente ao locutor (GERALDI, 1993). Interpretar a situação de ensino como um contexto participativo cria possibilidade para o aluno sentir-se seguro e enredar-se gradativamente como sujeito autônomo para traçar seus objetivos e planejar suas ações. Seus resultados em relação à capacidade e aos seus esforços devem ser valorizados, a fim de incentivar a auto-estima para que continue a desempenhar esse papel importante diante da aprendizagem.

No processo de ensino, torna-se indispensável pôr o aluno diante de situações interativas de linguagens, de modo que possa envolver-se em um esforço de compreensão e de atuação, desafiando a argumentar e questionar sobre a atividade apresentada, oferecendo indicadores a respeito. Sobre isso, os PCN (BRASIL,1998, p.24) revelam que

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os aluno, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	----------------	------	------	------------------	---------

A sala de aula deixa de ser um espaço de transmissão/recepção de um conhecimento arbitrário e passa a ser um “evento social no qual, através de procedimentos interacionais, professor e alunos tentam construir significado e conhecimento” (MOITA LOPES, 1995, p. 349). A sala de aula é um lugar de encontro de diferentes vozes, as quais mantêm relações de controle, negociação, compreensão, concordância, discordância, discussão. Neste espaço, a aprendizagem é uma atividade social de co-construção, resultante das trocas dialógicas, uma vez que, na perspectiva bakhtiniana, o significado não é inerente à linguagem, mas elaborado socialmente.

No que tange ao ensino de língua materna, Bakhtin assegura que ela é adquirida durante nossas interações verbais, por meio de enunciados.

Freitas (1996) soube expressar de maneira exemplar o processo educativo sob o olhar de Bakhtin:

Educar não é homogeneizar, produzir em massa, mas produzir singularidades. Deixar vir à tona a diversidade de modos de ser, de fazer, de construir: permitir a réplica, a contra-palavra. Educar é levar o aluno a ser autor, a dizer a própria palavra, a interagir com a língua, a penetrar numa escrita viva e real. O professor precisa também ser autor: penetrar na corrente da língua, recuperar sua palavra, sua autonomia, sem fazer dela uma tribuna para o poder, mas um meio de exercer uma autoridade que se conquista no conhecimento partilhado. Nesse sentido o professor pode ser visto como um orquestrador de diferentes vozes (FREITAS, 1996, p. 173).

Nessa perspectiva, os papéis tradicionais de professor e aluno – em que o primeiro detém todo o saber e o segundo deve apenas assimilar este saber e devolvê-lo ao professor por meio das avaliações periódicas – são substituídos pelo papel de interlocutores que juntos constroem e (re)significam o objeto de estudo. O aluno não é mais visto como aquele ser passivo que ocupa uma posição secundária no processo ensino-aprendizagem, e sim um sujeito ativo, que na interação com o professor e com os demais colegas, (re)constrói conhecimento.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	----------------	------	------	------------------	---------

## Considerações Finais

A partir das reflexões feitas neste trabalho, constatamos que não há mais como insistir em uma prática de ensino que desconsidere:

- a) a língua em uso, pautando-se por uma prática que reduz a língua a um sistema de normas, uma vez que, segundo Bakhtin, a língua é um fenômeno social, histórico e ideológico, cujos signos são variáveis e flexíveis e resignificados a cada interação verbal;
- b) o desenvolvimento da competência discursiva dos aprendizes, visto que o ser humano é um sujeito histórico e social em constante diálogo com o mundo e com o outro;
- c) o trabalho com diferentes gêneros discursivos;
- d) a noção de linguagem como veículo de interação e de constituição do sujeito.

O ensino de língua materna precisa ser pensado como prática social de interlocução, de troca, de construção, na qual os papéis de professor e alunos tornam-se intercambiáveis. Além disto, urge que as aulas de língua portuguesa reflitam o caráter social, subjetivo e flexível dos signos lingüísticos, ou seja, a realidade concreta da língua.

Depois das concepções de Bakhtin sobre interação e dialogismo, não se pode mais conceber a língua como um produto pronto e fechado em si mesmo. A língua, como uma entidade viva e em constante evolução, precisa ser analisada e ensinada como tal.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. (2004 [1929]) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_. (2000) **Estética da Criação Verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, D. L. P. (1996) Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A. , TEZZA, C., CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR.
- BRAIT, B. (1996) A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, C. A., TEZZA, C.,

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	-------------	------	------	---------------	---------

- CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, p.69-92.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental (1998) **Parâmetros Curriculares Nacionais:Língua Portuguesa: 5ª a 8ª séries**. Brasília: –SEF.
- CASTRO, G. (1996) Os apontamentos de Bakhtin: uma profusão temática. In: FARACO, C. A. , TEZZA, C., CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, p.93-111.
- CLARK, K. & HOLQUIST, M. (1998) **Mikhail Bakhtin**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.
- COLL, C.; SOLÉ, I. A Interação Professor/Aluno no Processo de Ensino e Aprendizagem. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação**. vol.2, Porto Alegre: Artmed, 1996, p.281-314.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FIORIN, J. L. (1996) O romance e a representação da heterogeneidade constitutiva. In: FARACO, C. A., TEZZA, C., CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, p.127-152.
- FREITAS, M. T. A. (1996) Bakhtin e a psicologia. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, p.165-187.
- GERALDI, João Wanderley. (1993) **Portos de Passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (org.) **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.
- LEMOS, C.T.G. **Redações no vestibular: algumas estratégias**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 1977.
- MARCUSCHI, L.A. **Linguística de texto: o que e como se faz**. Recife, UFPE, 1983.
- MATÊNCIO, M.L.M. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.
- MOITA LOPES, L. P. (1995) What is this class about? Topic formulation in a L1 reading comprehension classroom. In: COOK, G., SEIDLHOFER, B. (Eds.). **Principle and Practice in Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, p. 349-362.
- PÉCORA, A. A. B. **Problemas de Redação**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	109-121
------	-------------	------	------	---------------	---------